



ESTADO DE MATO GROSSO
INSTITUTO DE LINGUAGEM
UNIVERSIDADE DO ESTADO DE MATO GROSSO
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE PONTES E LACERDA
DEPARTAMENTO DE LETRAS



**PEDRO CASALDÁLIGA: LITERATURA DE ENGAJAMENTO, UMA
DENUNCIA E CRITICA SOCIAL**

MÔNICA E. NARCISO DAS DORES

PONTES E LACERDA-MT
2012/2

**PEDRO CASALDÁLIGA: LITERATURA DE ENGAJAMENTO, UMA
DENUNCIA E CRITICA SOCIAL**

MÔNICA E. NARCISO DAS DORES

Monografia de conclusão de curso de graduação em
Licenciatura Plena em Letras, apresentada ao Departamento
de Letras (DL) da Universidade do Estado de Mato Grosso
– UNEMAT, *Campus* Universitário de Pontes e Lacerda,
como requisito parcial para a obtenção do título de
Graduada em Letras.

Orientador: Prof. Me. Epaminondas de Matos Magalhães

PONTES E LACERDA-MT
2012/2

Esta monografia foi apresentada perante a seguinte banca examinadora:

Prof. Me. Epaminondas de Matos Magalhães
Orientador

Prof. Me. Ricardo Marques
Banca Examinadora

Prof. Me. José Pereira da Silva Neto
Banca Examinadora

Prof.^a. Dr.^a. Rosely Romanelli
Banca Examinadora

A **DEUS** e em especial ao meu filho
Maycon Narciso (*in memorin*)

Agradecimentos

Aos meus netos: **Emilly** e **Max Henrique**, em quem encontrei força e sentido à vida para continuar essa caminhada.

Aos meus filhos: **Magno** e **Max** pelo amor, carinho e compreensão.

As minhas noras: **Jucely** e **Keiliana** pela força.

A minha família toda.

A minha colega **Luciana** pelos finais de semanas, as longas noites e madrugadas que juntas passamos estudando.

A minha colega **Lucilene** pela palavra amiga que, na hora mais difícil de minha vida me deu força para que eu não parasse de estudar e seguisse em frente. **Lu** o meu muito obrigado.

A todos (a) colegas de turma e de classe.

Ao meu colega **Vagner Braz** que mesmo com sua “chatice” (hehe), colaborou em meu processo, no qual me ajudou nessa travessia, pois quem “elege a busca, não deve recusar a travessia” (Guimarães Rosa).

Ao meu admirável professor orientador Me. **Epaminondas Magalhães** – UNEMAT-PL, por ter aceitado a me orientar.

Aos professores (a) Dr^a. **Marinei Almeida** e Me. **José Pereira da Silva Neto** pelo empréstimo de material para a leitura e conclusão desse trabalho.

Ao professor mestre **Edson Flávio** UNEMAT- Cáceres, pela disponibilidade de sua tese, a qual contribuiu muito para minhas leituras e pelo excelente esquema de agradecimento o qual eu tomei como exemplo.

A professora Dr^a. **Rosely A. Romanelli** e aos professores mestres **Ricardo Marques** e **José Pereira** por aceitar a compor a banca examinadora.

A **todos os professores** que contribuíram com essa minha formação.

A **UNEMAT** - **coordenador**, **PTES** e **funcionários** das empresas terceirizadas: **TRANSAMÉRICA** e **Seligel** que, direta ou indiretamente caminharam comigo até agora, obrigado á todos.

A **Dom Pedro Casaldáliga** pelo o engajamento, a resistência, o amor, a Fé e a esperança, o meu muito obrigado.

A fé
é a vivência garantida
da esperança impossível.

A barca vencerá
o mar
e a morte.

Todos seremos porto convocado.

(...)

Nascer e morrer
é fácil
O difícil é viver

(...)

Tudo é relativo
Menos Deus e a fome.

(Pedro Casaldáliga)

SUMÁRIO

RESUMO.....	p. 08
1. INTRODUÇÃO.....	p. 09
2. LITERATURA, ENGAJAMENTO E RESISTÊNCIA.....	p. 11
2.1. LITERATURA.....	p. 11
2.2. LITERATURA BRASILEIRA DE EXPRESSÃO MATOGROSSENSE.....	p. 13
2.3. ENGAJAMENTO.....	p. 16
2.4. RESISTÊNCIA.....	p. 20
2.5. PEDRO CASALDÁLIGA.....	p. 22
3. PEDRO CASALDÁLIGA E SEUS VERSOS ADVERSOS.....	p. 32
4. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	p. 49
5. REFERÊNCIAS.....	p. 50

RESUMO

Esta monografia busca compreender em que medida o autor, nestes poemas, engaja-se socialmente, realizando através da literatura denúncias e críticas aos problemas vivenciados e encontrados no espaço em que se encontra inserido. Trazemos como recorte para análise as poesias “Nossas vidas são rios...”, “Cemitério do sertão”, “Dá-nos a tua Paz!” e “Confissão do latifúndio”, da obra *Versos Adverso: Antologia*, de Pedro Casaldáliga (2006). A partir dos estudos em: *Literatura e Resistência* (2002) e *O Ser e o Tempo da Poesia* (2000) de Alfredo Bosi, *Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre* (2002) de Denis Benoît, *Que é a Literatura?* (1989) de Jean-Paul Sartre, *História da Literatura de Mato Grosso: Século XX* (2001) e *Literatura e poder em Mato Grosso* (2002) de Hilda Magalhães. A literatura é compreendida como a transfiguração do real. Dessa forma procuramos compreender como o poeta Pedro Casaldáliga e sua poesia engajou e resistiu em meio ao sistema da ditadura e do regime militar no Brasil na década de 70 em São Félix do Araguaia

PALAVRAS CHAVE: poesia, resistência, Pedro Casaldáliga

ABSTRACT

This monograph seeks to understand to what extent the author, these poems, engage socially, performing through literature complaints and criticisms of the problems experienced and found the space in which it is inserted. We bring as clipping to analyze the poems "Our lives are rivers ...", "Graveyard of the interior", "Give us thy peace!" And "Confession of landlordism," the work *Adverse Verses: Anthology of Peter Casaldáliga* (2006). Based on studies in: *Literature and Resistance* (2002) and *Being and Time Poetry* (2000) Alfredo Bosi, *Literature and engagement: Pascal Sartre* (2002) Denis Benoit, *What is Literature?* (1989) by Jean-Paul Sartre, *History of Literature in Mato Grosso: Twentieth Century* (2001) and *Literature and power in Mato Grosso* (2002) Hilda Magellan. The literature is understood as the transfiguration of reality. Thus we seek to understand how the poet and his poetry Peter Casaldáliga engaged and resisted through the system of dictatorship and military rule in Brazil in the 70s in Sao Felix do Araguaia

KEY-WORDS: poetry, resistance, Pedro Casaldáliga

PEDRO CASALDÁLIGA: LITERATURA DE ENGAJAMENTO, UMA DENÚNCIA E CRÍTICA SOCIAL.

Quando perguntado sobre um possível retorno a Espanha a resposta é taxativa: “Queimei as pontes... e os navios”.

(ALFREDO BOSI)

1. Introdução

A presente pesquisa tem como foco analisar os poemas “**Nossas vidas são rios...**”, “**Cemitério do sertão**”, “**Dá-nos a tua Paz!**” e “**Confissão do latifúndio**”, da obra **Versos Adverso: Antologia**, de Pedro Casaldáliga (2006). Buscando compreender em que medida o autor, nestes poemas, engaja-se socialmente, realizando através da literatura denúncias e críticas aos problemas vivenciados e encontrados no espaço em que se encontra inserido. Desta forma, para o desenvolvimento dessa pesquisa trabalhamos os conceitos de literatura de engajamento e aplicamos, a posteriori, esses conceitos nos poemas, corpus desse trabalho.

Pedro Casaldáliga, além de um homem de Deus, dado sua formação religiosa e um homem das letras mato-grossenses, é também um homem empenhado, como podemos ver em suas poesias, sendo esta nossa hipótese inicial, nos problemas sociais que englobam a sociedade mato-grossense.

Sendo assim, a poesia de D. Pedro Casaldáliga cogita aspectos revolucionários no cenário da Literatura em Mato Grosso, demonstrando certas inquietações humanas, como: denúncia e conscientização. A partir de então, para nossas reflexões, os dados serão coletados por pesquisa bibliográfica em: **Literatura e Resistência** (2002) e **O Ser e o Tempo da Poesia** (2000) de Alfredo Bosi, **Literatura e engajamento: de Pascal a Sartre** (2002) de Denis Benoît, **Que é a Literatura?** (1989) de Jean-Paul Sartre, **História da Literatura de Mato Grosso: Século XX** (2001) e **Literatura e poder em Mato Grosso** (2002) de Hilda Magalhães, **Literatura, História e Política: Literaturas de Língua Portuguesa no Século**

XX (2007) de Benjamin Abdala Junior e **Notas de Literatura I** de, Theodor W. Adorno. (2003)

Nossa pesquisa se desenvolveu a partir do referencial teórico já citado, dentre outros. Para prosseguirmos nossas reflexões, estruturamos nosso trabalho em forma de capítulos e subcapítulo. Sendo o primeiro capítulo intitulado **Literatura, Engajamento e Resistência**, buscamos abordar alguns conceitos sobre literatura, engajamento e resistência. Nessa mesma linha de pensamento, ponderamos a vida e obra do autor, ou seja, como se estabelece as relações entre literatura e sociedade, literatura de engajamento e resistência.

Falar em literatura é refletir sob o viés do discurso literário, pois a literatura constitui-se não só na e pela linguagem, mas além da linguagem. Silva (Apud Lajolo 1995, p.7) ressalta que a literatura é [...] “uma atividade artística que, sob multiformes modulações, tem exprimido e continua a exprimir, de modo inconfundível, a alegria e a angústia, as certezas e os enigmas do homem”. Assim sendo, ao estudarmos sobre literatura levamos em consideração alguns aspectos que são de suma importância: o espaço e o tempo, pois a literatura modifica/renova a cada tempo e em cada contexto sócio- histórico e cultural.

No segundo capítulo, intitulado **Pedro Casaldáliga e seus Versos Adversos**, fazemos uma análise do nosso “corpus” de pesquisa, seus poemas “**Nossas vidas são rios...**”, “**Cemitério do sertão**”, “**Dá-nos a tua Paz!**” e “**Confissão do latifúndio**”, focalizando a literatura engajada e a resistência nos escritos de Pedro Casaldáliga, ou seja, como o poeta e suas poesias engajaram e resistiram em meio a um contexto histórico conflituoso, marcado pelo processo capitalista e pela fase negra do regime militar da ditadura em pleno século XX, mas precisamente nas décadas de 60 e 70.

A partir de então, prosseguiremos nossa pesquisa articulando sobre o poder e o papel da literatura na sociedade contemporânea, enfatizando, sobretudo, a literatura engajada e de resistência na obra **Versos Adversos: Antologia** de D. Pedro Casaldáliga. Por ser um bispo/poeta engajado, apresenta, assim, por meio de suas poesias denúncias e crítica social. D. Pedro em seus poemas luta contra a dominação e o silêncio de um povo oprimido, esmagado e massacrado pelo Estado. Por conseguinte, sua poesia também é um grito de luta e de guerra, ou seja, um testemunho de fé e esperança, pois é na e pela fé que o homem se constitui e é na e pela poesia que o sujeito se humaniza.

2. LITERATURA, ENGAJAMENTO E RESISTÊNCIA

2.1. Literatura

A literatura ao longo de sua existência vem exprimindo conhecimentos a fim de compreender e buscar reflexões sobre o que é ser humano, suas angústias e desejos, fazendo uma abordagem reflexiva da vida e assim demonstrando que ela não nasce do nada. A literatura segundo Llosa (2007), modifica o ser humano e sua vida, nos faz experimentar/produzir um conhecimento acerca de nós mesmos, pois, a literatura tem a sua própria fonte no que é Humano. A esse respeito Otto Maria Carpeaux (apud BOSI, 2002, p. 7), descreve:

A literatura não existe no ar, e sim no Tempo, no Tempo histórico, que obedece a seu próprio ritmo dialético. A literatura não deixa de refletir esse ritmo – refletir, mas não acompanhar. Cumpre fazer essa distinção algo sutil para evitar aquele erro de transformações sociais. A representação imediata dos acontecimentos políticos não vai muito além da superfície, e quanto à situação social dos escritores sobre a sua atividade literária, será preciso distinguir nitidamente entre as classes da sociedade e as correspondentes “classes literárias”. A relação entre literatura e sociedade não é mera dependência: é uma relação complicada, de dependência recíproca e interdependência dos fatores espirituais (ideológico e estilístico) e dos fatores materiais (estrutura social e econômica). (CARPEAUX apud BOSI, 2002, p.7)

Nesse sentido, entendemos que na maioria das vezes a literatura é posta/vista, apenas, pelo contexto histórico, ou seja, para falar/mostrar a problemática do cotidiano de uma sociedade, de acordo com um determinado tempo e espaço.

A literatura é uma transfiguração do real, mas também tem sua estética, sua forma, seu conteúdo, sua matéria e seu valor enquanto obra de arte, em que precisamos identificar o que ela é e qual sua função, para a partir de então extrairmos da literatura o que ela exprime através de sua literalidade.

Com base nas teorias literárias pesquisadas versaremos alguns conceitos sobre literatura, pois não é fácil conceituar dado a complexidade deste termo que é plural e polissêmico. Assim sendo, Afrânio Coutinho (1978) nos afirma que:

A literatura, como toda arte, é uma transfiguração do real, é a realidade recriada, através do espírito do artista e retransmitida através da língua para as formas, que são os gêneros, e com os quais ela toma corpo e nova realidade. Passa, então, a viver outra vida, autônoma, independente do autor e da experiência de realidade de onde proveio. Os fatos que lhe deram às vezes origem perderam a realidade primitiva e adquiriram outra, graças à imaginação do artista. São agora fatos de outra natureza, diferente dos fatos naturais objetivados pela ciência ou pela história ou pelo social. O artista literário cria ou recria um mundo de verdades que não são mais medidas pelos mesmos padrões das verdades ocorridas. Os fatos que manipula não têm comparação com os da realidade concreta. São as verdades humanas gerais, que traduzem antes um sentimento de experiência, uma compreensão e um julgamento das coisas humanas, um sentido de vida, e que fornecem um retrato vivo e insinuante da vida. A Literatura é, assim, vida, parte da vida, não se admitindo possa haver conflito entre uma e outra. Através das obras literárias, tomamos contato com a vida, nas suas verdades eternas, comuns a todos os homens e lugares, porque são as verdades da mesma condição humana (COUTINHO, 1978).

Ao refletirmos que a linguagem é à base da constituição da literatura, consideramos que Jean-Paul Sartre, em seu livro **Que é a literatura?** (1989), afirma que a linguagem “é nossa carapaça e nossas antenas, protege nos contra os outros e informa-nos a respeito deles, é um prolongamento dos nossos sentidos”. Sartre acrescenta ainda que a literatura

[...] uma subjetividade que se entrega sob a aparência de objetividade, um discurso tão curiosamente engendrado que equivale ao silêncio: um pensamento que se contesta a si mesmo, uma Razão que é apenas a máscara da loucura, um Eterno que dá a entender que é apenas um momento histórico que, pelos aspectos ocultos que revela, remete de súbito ao homem eterno: um perpétuo ensinamento, mas que se dá contra a vontade expressa daquele que ensina. (SARTRE, 1989, p. 28)

Quanto à literatura brasileira articularemos com base na teoria de Cândido porque, como já dissemos cada autor/leitor tem suas peculiaridades. Dessa forma, Antônio Cândido em seu livro **Formação Da Literatura Brasileira** (1993, p.9), aponta que “a brasileira é recente, gerou no seio da portuguesa e dependeu da influência de mais duas ou três para se constituir” e a sua formação apresenta estilos/caracteres próprios. Por isso, temos que estudá-la dentro do contexto sócio histórico sim, mas precisamos ir além, porque fazemos parte de um todo, mas temos nossas particularidades, ou seja, cada autor tem seu tom/marca. Cândido (2000) ressalta ainda que por literatura entendemos:

A literatura é um sistema vivo de obras, agindo umas sobre as outras e sobre os leitores; e só vivem na medida em que estes a vivem, decifrando-a, aceitando-a, deformando-a. [...] A obra de arte só está acabada no momento em que se repercute e atua, por que sociologicamente, a arte é um sistema simbólico de comunicação inter-humana. Ora, todo processo de comunicação pressupõe um comunicante, no caso o artista; um comunicado, ou seja, a obra; um comunicando, que é o público a que se dirige; graças a isso define-se o quarto elemento do seu processo, isto é, o seu efeito. (CÂNDIDO. 2000; p.36)

Como já sabemos a literatura é constitutiva de linguagem. Por conseguinte podemos constatar que a literatura não é um código intenso de obras isoladas, mas sim, um conjunto vivo de obras que atua sobre as outras e sobre os leitores. No sentido de que a obra ou o texto literário só se constitui a partir do momento que é consultado/lido. Portanto quando se dá o imbricamento entre obra/leitor.

2.2. Literatura Brasileira de Expressão Mato-Grossense

Nesta mesma linha de pesquisa buscamos compreender o que podemos definir como literatura brasileira de expressão mato-grossense. Segundo Leite em **Mapas da Mina: estudos de literatura em Mato Grosso** (2005, p. 233), “Hilda Gomes Dutra Magalhães é a primeira a publicar um compêndio de história da literatura de Mato Grosso”. Vale ressaltar, neste momento, que Magalhães tinha por objetivo mapear a história da literatura e não discutir o que é regional ou não. Mas, a autora acaba tocando na questão e destaca que:

[...] entendemos por literatura mato-grossense os textos escritos por autores que nasceram em Mato Grosso ou que nele residem (ou tenha residido, contribuindo para o enriquecimento da cultura do Estado). Por “Mato Grosso” entendemos o estado indiviso até a década de 1970, após o que, levamos em conta apenas a unidade do norte, por entendermos que, embora apresentem em princípio, aspectos semelhantes, a partir da divisão os dois estados tendem a acentuar suas diferenças culturais, apresentando ritmos e traços diferenciados de desenvolvimentos. (MAGALHÃES, 2001, p.18)

Nesse sentido, comentaremos que “Literatura Mato-Grossense” não é um termo isoladamente do todo, constatamos que dentro de uma amplitude literária brasileira encontra-se inserido a literatura mato-grossense, na qual encontra seus autores com suas

especificidades e particularidades na criação de suas obras tanto para exaltar as belezas de nossas terras mato-grossenses, como, também, para denunciar e criticar os problemas sociais, inseridos num tempo e espaço histórico colaborando assim, culturalmente.

Sendo assim, para melhor entendimento sobre nossa literatura fundamentamos teoricamente no escritor/poeta José de Mesquita, que em uma conferência feita em junho de 1936 no **“Centro Mato-grossense”** considera que foi extremamente importante e muito significativa, pelo fato de se tratar/definir o tema da nossa história. José de Mesquita (1936) designou “o sentido da literatura mato-grossense”, caracterizado em dois aspectos que o determinam e concluem que, segundo Mesquita (1936, p. 4) afirma “o da bravura e o da melancolia”. Sentidos esses peculiares de Mato Grosso devido o seu afastamento dos grandes centros e a grande extensão de terras.

Dessa forma, José de Mesquita (1963, p. 5) nos alerta para a necessidade de uma reflexão no sentido de que “[...] toda a nossa história se desenrola numa sucessão maravilhosa de factos invulgares, dentro desse diedro, em que se reflectem a valentia rija e máscula do sofrimento doce e comunicativo.” Encontra-se inserido aí, a exterioridade de nossa literatura carregada dos dois sentimentos que orienta e restringe, completamente, as atividades intelectuais. Agita em meio “o tom épico e o elegíaco” a inspiração dos nossos poetas.

José Mesquita (1963, p. 6) propõe uma reflexão a respeito do sentido de bravura tanto na história como na alma do nosso povo. Logo, cita Rondon como figura peculiar cuiabana, manifestando em uma conferência ministrada no Instituto Histórico de Matogrosso a respeito de Cuiabá, acerca do desenvolvimento da política e história de Mato Grosso. Mesquita (1936, p. 6) nos faz a seguinte afirmação: “[...] a nossa história, cuiabanos, é um hino começado há dois séculos e até hoje ainda não interrompido, a intrepidez, a perseverança, a inteligência e ao espírito de iniciativa da raça brasileira”. Entretanto, Mato Grosso apesar da distância dos grandes centros e de sua extensão territorial, que neste período ainda não era dividido entre dois Estados, ou seja, Mato Grosso e Mato Grosso do Sul, manteve sempre a chama viva não deixando em nenhum instante extinguir esse sentimento de nacionalismo e de amor ao país.

Relembrando os episódios heroicos de nossa história entre os períodos: a entrada de Aleixo Garcia (era cabralina) até a guerra do Paraguai. Mesquita (1936) referencia

[...] os efeitos e as figuras gloriosas daqueles heroes que foram Portocarrero, Oliveira Mello, Antônio João, Maria Coelho, Camisão, Leverger, Couto de Magalhães e tantos outros. [...] nessa ocasião, assignala elle, só Cuiabá ficou de pé e só por Cuiabá se não

podeu dizer que esta parte do território nacional deixou de ser, por alguns annos, brasileiras. (MESQUITA, 1936, p.6)

Sendo assim, percebemos uma forte presença característica de coragem e renúncia de nossa raça. Seguidamente o autor destaca outro episódio importante que é uma oração proferida no mesmo Instituto, por Phologonio Corrêa. Para nosso entender Jose Mesquita (1936) exemplifica com a seguinte frase da oração

Mas por que trazer vos á memória as nossas conquistas pacíficas, se a nossa historia militar, é, por si só bastante para mobilizar o nosso passado? Não são mais dignas de admiração essas mulheres carthaginezas que fabricam com os seus cabellos as cordas das galeras pátrias, do que as 70 heroínas do forte de Coimbra, a fabricarem cartuchos para os bravos de Portocarrero, nas terríveis noites de Dezembro de 1864. A retirada dos 10.000 que Xenophonte nas paginas do “Anabasis”, não é mais rica de glorias e de ensinamentos do que a retirada da Laguna, que Taunay gravou immoredouramente na memória do mundo inteiro. E eu não sei o que deve admirar mais, se a coragem spartana de Leonildas na defesa das Thermopylas ou o valor de Antonio João no martírio da colônia de Dourados. (PHOLOGONIO apud MESQUITA, 1936, p. 7).

Comprendemos que Phologonio em seu questionamento faz lembrar as conquistas pacíficas, enquanto os registros militares são suficientemente para movimentar o sucedido, questionando ainda sobre a coragem do povo. Ainda refletindo sobre esse sentimento de coragem entendemos que a bravura e a melancolia se instituíram e permanece até hoje em Mato Grosso com aspecto todo peculiar, típico e inconfundível das nossas letras, Mesquita (1936) afirma que:

[...] toda a obra mattogrossense, seja de ficção ou de observação, se impregna viva e profundamente dessa doce tristeza, feita de amargura e conformação, que parece constituir o pigmento de nossa espiritualidade. [...] nossos poetas não são dyonisiacos, a sua musa foge ás expansões ruidosas, e ama, antes, a penumbra discreta dos interiores velados, cheios dessa tonalidade outoniça e crepuscular. Há na poesia mattogrossense um profundo senso humano e cristão. Apropria inspiração dos nossos prosadores, jornalistas e até dos tributos, está toda tocada dessa nota característica. [...] (MESQUITA, 1936, p. 9).

Mesquita (1936) estabelece uma comparação em relação a nossa literatura que penetrando suas origens no advindo remoto. Mesquita confere que

[...] é bem como essa flora do sertão, crescendo ao sol dos trópicos, numa nativa feracidade, dispensadora de tratos e adubos. Milagre de resistência moral, prodígio de amor eterno a arte, as letras mato-grossenses podem representar-se naquela” chimbuveira verde e ramalhuda””.
“(MESQUITA, 1936, p. 14).

Nesse sentido compreendemos que a nossa literatura segundo a concepção de Mesquita tem esse sentido e aspecto peculiar mato-grossense não só por assim caracterizar em: bravura, coragem, melancolia, mas, também, pelas características geográficas encontradas em um tem e espaço onde nossos poetas inspiram e engajam por amor a essa terra e a esse povo.

Por fim consideramos que segundo a concepção de Mesquita (1936, p. 14) o homem de nossas letras [...] é bem essa árvore isolada a beira-rio, vendo ora a aguadas imensas do pantanal se estenderem sob o céu plumbeco, ora os praias gaios e claros se povoarem, na vazante, do voo álcree dos pássaros ou das cantigas melancólicas dos pescadores...

2.3 Engajamento

Consideramos no sentido amplo e literário que **engajar** significa “dar a sua pessoa ou a sua palavra em penhor, servir de causa e, por conseguinte, ligar-se por uma promessa ou juramento constringedor” (DENIS, 2002, p. 31). Já no sentido próprio **engajar-se** significa ‘tomar uma direção’. Denis indica ainda que, no sentido figurado **engajar-se** “consiste em praticar uma ação, voluntária e efetiva, que manifesta e materializa a escolha efetuada conscientemente” (DENIS, 2002, p. 31).

Além dessas considerações Denis (2002) nos afirma também que, a expressão **literatura engajada** indica “uma prática literária estreitamente associada à política, aos debates gerados por ela e aos combates que ela implica” (DENIS, 2002, p. 9). Dessa forma, o que nos interessa aqui não é discutir correntes literárias, mas abordar sobre literatura engajada

no sentido de compreender como se constitui/estabelece essa relação entre literatura e sociedade. Discorremos então, a partir da contemporaneidade, mas precisamente no século XX, momento este que, segundo Denis (2002), a literatura engajada teve seu aparecimento, ou seja, inicialmente ela surgiu historicamente, em seguida instituiu seu posicionamento em meio a este contexto. Passando ser, então, no decorrer do século tema de grandes discussões nos comitês de debates literárias.

Nessa mesma perspectiva, Denis (2002, p. 21) considera que a literatura engajada contraiu uma valoração que transcende a história e surge em função do aparecimento de um espaço literário. Segundo o teórico, para os escritores a autonomia e a independência foram princípios básicos, permitindo-os a desempenhar essa liberdade de procedimento e de pronúncia de acordo com a ideologia a qual as ideais fossem mais adequadas.

Em sequência, Denis (2002) adverte quanto à preocupação dos autores, fazendo com que nas décadas de 20 e 30 do século XX, estiveram preocupados com seu desempenho no terreno da crítica social e política, o que possibilitou uma conceituação para o engajamento. Constituindo assim, diferentes tipos de escritores literários, sendo estes nomeados como ‘autor engajado’. Constituindo o maior exemplo em Jean-Paul Sartre, a “figura maior do engajamento, do qual ele foi o promotor mais fervoroso e o mais visado” (DENIS, 2002, p. 28).

Conforme Denis (2002, p. 25), as obras literárias francesas e a postura do escritor, se deram no momento marcado de Pascal a Sartre, destacando ainda, uma reflexão sobre o fator engajamento literário. Por isso entendemos a necessidade de uma literatura de urgência Ele preocupa não só com a essência. No sentido de que o escritor engajado não escreve para o futuro, não se preocupa só com a forma da literatura, mas também em fazer uma literatura engajada, ou seja, uma literatura com sua função, a qual preocupa com a mudança/ transformação não de mundo, mas dos fatos que nele existe, assim questiona e revoluciona as praticas politicas e sociais. No qual a literatura engajada

Não se trata para ele de abdicar daquela autonomia, sem a qual ele faria literatura de propaganda; é antes uma questão de se mundificar-lhe o sentido, deixando de fazer disso um fim em si para tentar *fazê-la servir* (à revolução, às lutas políticas e sociais em geral etc.). (DENIS, 2002, p. 25)

Denis (2002) em seu escrito define por idealizar como literatura engajada algo que se modifica o sentido, no qual a literatura busca refletir o que é humano nas suas cogitações vividas na coletividade. Em que se baseia no pressuposto de Jean-Paul Sartre, pois, foi no século XX que as produções de literatura engajada, se constituem no campo literário. No mesmo sentido Denis (2002), descreve que “é inegável que sempre existiu uma literatura de combate, preocupada em tomar parte nas controversas políticas ou religiosas”, por exemplo, o teatro de Aristófanes. Pois, até mesmo Platão em sua **República**, refletia o lugar do poeta na *polis*, no qual o poder real organizava a cidade e censurava os escritores, deixando claro para nós leitores que a Literatura “não foi nunca um objeto neutro e indiferente em termos políticos” (DENIS, 2002, 11).

Marcel (apud, DENIS, 2002, p. 33) afirma que o engajamento.

[...] é a manifestação de uma fidelidade a si mesmo: é o ato voluntário e efetivo pelo qual a pessoa se define e se escolhe segundo um caminho que comporta, além disso, uma parte de risco e de desconhecimento (“representar a sua própria realidade”). (MARCEL apud, DENIS, 2002, p. 33)

Sendo assim, a partir dessas conceituações compreendemos que engajamento é, portanto, uma ação espontânea. Mesmo sabendo do constrangimento desses atos, o indivíduo assume um comprometimento com o coletivo, mostrando assim a sua escolha. Escolha essa que na maioria das vezes resulta em liderar movimentos revolucionários, despertando então os grupos, ou melhor, dizendo, conscientizando um povo para sair de uma submissão.

Para Jean-Paul Sartre ser engajado é o mesmo que estar “embarcado”. Portanto Sartre no ensaio **Que é a literatura?** (1989), concebe o engajamento literário como fenômeno necessariamente ligado à consciência lúcida do escritor em reconhecer-se como pertencente ao mundo. Consciência essa que leva aquele a uma reação fundamentada na intencionalidade de transformar este. Sartre enfatiza que para ser um escritor engajado tem que assumir uma verdadeira e incondicional consciência de ter embarcado, ou seja, momento este que passa fazer o engajamento acontecer, para si e para os outros, da espontaneidade adjacente ao plano conjecturado”. Sartre ressalta ainda que “o escritor é mediador por excelência, e o seu engajamento é a mediação”. Contudo, se é veracidade que se necessita exigir contas à sua obra a partir da sua qualidade, é preciso advertir ainda que a sua categoria não é

exclusivamente a de um homem em comum, mas igualmente, exatamente, a de um escritor'. (SARTRE, 1993, p. 61-62).

Para Thana Mara de Souza (2002, p. 52-52) "o engajamento está presente em cada ato, em cada palavra dita, em cada silêncio". Para a autora "o verdadeiro trabalho de escritor engajado é [...] mostrar, demonstrar, desmistificar, dissolver os mitos e fetiches em um pequeno banho de ácido crítico". Sendo assim, podemos dizer então que o escritor engajado é aquele que não está ligada a nenhum partido político. Deste modo é presente e não póstumo, ou seja, recusa a escrever para posteridade, ou melhor, dizendo, o escritor engajado assume o comprometimento de desvendar/escrever sobre o homem e o mundo no qual este encontra inserido no tempo imediato.

Jean-Paul Sartre (1989) afirma que "o escritor "engajado" sabe que a palavra é ação: sabe que desvendar é mudar e que não se pode desvendar senão tencionando mudar". Nesse sentido o autor evidência que

não pode se quer ver uma situação sem mudá-la, pois o seu olhar imobiliza, destrói ou esculpe, ou, como faz a eternidade, transforma o objeto em si mesmo. É no amor, no ódio, na cólera, no medo, na alegria, na indignação, na admiração, na esperança, no desespero que o homem e o mundo se revelam em sua verdade. (SARTRE, 1989, p.21).

Com base no enunciado compreendemos que o escritor engajado é extremamente revolucionário, pois mesmo diante das situações extremas ele acredita que pode reflorescer o humano, ou seja, nos momentos de conflitos de uma sociedade o autor tem esperança que pode por meio da literatura produzir um combate no qual o homem (excluído) sobressai bem-sucedido.

A partir da concepção de Sartre (1989) de que o escritor sabe que a palavra é ação. Refletiremos também sobre a função do escritor. A qual segundo Sartre "é fazer com que ninguém possa ignorar o mundo e considerar-se inocente diante dele".

A respeito da produção purista que viabiliza a percepção da "arte pela arte", é plausível avaliar que essa posição visivelmente "a-política" da arte implica também em um posicionamento político que pode beneficiar a classe dominante no período histórico que ela procura representar. Assim Adorno evidencia que:

[...] A obra de arte engajada desencanta o que só pretende estar aí como fetiche, como jogo ocioso daqueles que silenciaram de bom grado a avalanche ameaçadora, como um apolítico sabiamente politizado. Diz-se que desvia da luta dos interesses reais. Que o conflito dos dois grandes blocos não poupa mais ninguém. [...] (ADORNO, 1973, p.51)

Adorno explica claramente sobre a posição do apolítico e a sua relação com a obra que busca funcionar como mero objeto de fetiche, uma forma de silenciar a respeito das ameaças oferecidas pela sociedade em que se vive e, ainda, de preservar a arte como instituição fechada e isolada dos fatores políticos e sociais. Na concepção de Denis (2002, p.52) “a obra de um escritor engajado enfatiza consecutivamente um pouco a poligrafia, sendo assim, múltiplo e explosivo, contrapondo distintos estilos às urgências do momento, elas ainda várias e transformas.

Por fim, consideremos que de acordo com as concepções de Denis (2002) para ele [escritor] **Engajar** versa “em aceitar sofrer um dia esse tipo de processo, sem que o álibi da liberdade [...] o projeta do julgamento que a coletividade poderia fazer sobre a qualidade do seu engajamento”. Portanto, em nossa concepção o escritor não importante com a consequência que ele sofra e nem com a crítica social coletiva. Porque segundo Sartre (1948, p.140) “o escritor tem por primeiro dever provocar o escândalo e por direito imprescritível escapar das suas consequências”.

2.4 Resistência

Alfredo Bosi em **Literatura e Resistência** (2002) teoriza que o termo resistência, ligado à estética literária surgiu na década de 30 no século XX. Portanto, foi a partir do ano de 1945 que teve seu fortalecimento, conseguindo então se expandir para o mundo todo, “um tempo de união de forças populares e intelectuais progressistas” (BOSI, 2002 p. 125). Encontra-se aí, no período pós-guerra, o âmago da literatura de resistência. BOSI (2002), afirma ainda que

[...] resistência é um conceito originariamente ético, então estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir, o antônimo familiar é des/sistir. A experiência dos artistas e o seu testemunho dizem, em geral, que a arte não é uma atividade que nasça da força de vontade. Esta vem depois. A arte teria a ver primeiramente com as potências do conhecimento: a intuição, a imaginação, a percepção e a memória. (BOSI, 2002, p.118)

Para o teórico, não se poderia misturar arte e ética, pelo fato de que, uma está vinculada a período cognitivos e a outra a período práticos, uma opera pela visão, outra pela pretensão. A partir de então se faz necessário refletir sobre a teoria de Alfredo Bosi em **O ser e o tempo da poesia** (2000) no momento em que o autor referencia a ideologia dominante. Bosi (2000) teoriza que:

A resistência tem muitas faces. Ora propõe a recuperação do sentido comunitário perdido (poesia mítica, poesia da natureza); ora a melodia dos afetos em plena defensiva (lirismo de confissão, que data, pelo menos, da prosa ardente de Rousseau); ora a crítica direta ou velada da desordem estabelecida (vertente da sátira, da paródia, do epos revolucionário, da utopia). (BOSI, 2000, p. 167)

A resistência pode ser aprendida de várias faces da Literatura, sendo ela escrita em forma de Poema, Prosa, etc., a partir do exposto Alfredo Bosi, em **O ser e o tempo da poesia** (2000, p. 11- 15), descreve que colocou “a escrever este livro nos anos setenta”. Seguidamente o capítulo intitulado “**Poesia- resistência**” foi “composto nos dias de agonia da ditadura militar”. Momento este que o autor chama de “era dos extremos”. Diante deste contexto o autor adverte para uma reflexão sobre a poesia moderna. Porque de acordo com Bosi (200, p 165-166), houve um momento em que “a poesia foi compelida à estranheza e ao silêncio. Pior, foi condenado tirar só de si a substância vital. O indigência extra, canto ao avesso, metalinguagem!”. O autor afirma também que “[...] A poesia, reprimida, enxotada, avulsa de qualquer contexto, fecha-se em um autismo altivo; e só pensa em si, e fala dos seus códigos mais secretos [...]”.

Sendo assim, compreendemos que a questão da poesia é complicada. No contexto histórico onde Bosi, citando Leopardi, dirá que a sociedade de consumo é a “teia crescente de domínio e ilusão que os espertos chamam ‘desenvolvimento’ e os tolos aceitam como o preço do progresso” (2000, p. 164-165). Dessa forma, surge na poesia um esboço de revolta que

busca desvendar a sua essência submergida. E é neste momento e á essa ideologia dominante com seus mecanismos de interesse e de produtividade, que coloca em risco a liberdade de criação que o poeta sente ameaçado, no qual a poesia se faz resistência. Para o crítico literário:

A poesia resiste a falsa ordem, que é a rigor barbárie e caos, “esta coleção de objetos de não amor” (Drummond). Resiste ao contínuo “harmonioso” pelo descontínuo gritante: resiste ao descontínuo gritante pelo contínuo harmonioso. Resiste aferrando-se á memória viva do passado: e resiste imaginando uma nova ordem que se recorta no horizonte da utopia. (BOSI, 2000, p.169)

O conceito de resistência inserido em um texto literário se constitui por dois processos, ora, presente na materialidade do texto, ou imanente à escrita. A resistência como matéria se constitui no momento em que a questão fundamental da obra nega os valores sociais, políticos e éticos que estão em vigor no momento. Quanto na escrita incluiu um conflito interior na obra entre o eu e o mundo independentemente do contexto histórico do momento. Por conseguinte, temos tanto num como no outro acontecimento de escrita de resistência, apresentando uma articulação crítica que acerca a manifestar para os leitores que a vida consistir em algo mascarado pela realidade.

Para Bosi (2002, p.130) “a escrita de resistência, a narrativa atravessada pela tensão crítica, mostra, sem retórica nem alarde ideológico, que essa “vida como ela é, consecutivamente, o costume de uma estrutura alienante, exatamente da vida íntegra e virtuosa para ser vivida” (BOSI, 2002, p.130). Na concepção de Bosi (2002), esse tipo de literatura transcende a vida e a literatura de resistência foge do ficcional e do imaginário, expondo ao leitor problemas que consistir em autênticos e encontram presentes no dia a dia do ser humano. Desse modo, de acordo com Bosi (2002, p.135) “é nesse sentido que se pode dizer que a narrativa descobre a vida verdadeira, e que esta abraça e transcende a vida real”. [...] A literatura, com ser de ficção, resiste à mentira”. Assim, a literatura é um horizonte de expectativas, em que é criado um mundo de fantasias, que ao mesmo tempo é vista como ato verdadeiro de vida.

2.5 Pedro Casaldáliga

“Se a universidade se faz só de livros, e com muita frequência escritos por autores de fora, o que se aprende é só teoria e técnicas, não se aprende vida, não se analisa a vida, não se modifica a vida”.

(Pedro Casaldáliga)

Pedro Casaldáliga nasceu catalão em 16 de fevereiro de 1928, comunidade autônoma, há alguns quilômetros de Barcelona. Ele foi ordenado na capital da Espanha (Madri), onde foi apóstolo ‘claretiano’ a partir dos anos 50. Viveu um curto tempo no continente africano e regressar ao seu país de origem logo depois. Agora a mais valorosa caminhada da vida de Casaldáliga, foi em 26 de janeiro de 1968, quando desembarcou em definitivo na América Latina, mais especificamente, no Brasil. Ao se instalar no Brasil, logo depois foi consagrado Bispo de São Félix do Araguaia – Mato grosso, em 23 de outubro de 1971, às margens do Rio Araguaia, ele foi abençoado pelos: Dom Fernando Gomes dos Santos, Dom Tomás Balduino e Dom Juvenal Roriz, no qual lançou sua carta pastoral **Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social**. Esse escrito de Casaldáliga surgiu de um momento densamente desigual e injusto, que percorreu o mundo e teve uma grande impactação na Igreja e na sociedade, marcando em categórico seu jeito, como “a voz dos posseiros, dos índios e dos peões da Amazônia” (BOSI, 2006, p. 09).

Na Amazônia do século XX, mais precisamente nas décadas de 60 e 70, instaura-se o sistema de capitalismo e o regime da ditadura, passando a Amazônia da miséria à pobreza, ou seja, transformando o homem livre em escravo. Momento este em que começa os conflitos de terras em S. Félix do Araguaia município do Estado de Mato Grosso, situado em frente à Ilha do Bananal com área de 36.643km². Tudo começou com a chegada naquela região o bispo Pedro Casaldáliga. Trata-se de um vigário que em defesa de posseiros e peões, alegam que são vítimas de trabalho escravo, entrando em choque com alguns grandes fazendeiros, as empresas agropecuárias, mineradoras e madeireiras. Por razão de seu fervoroso trabalho em defesa dos direitos humanos e sociais dos pobres, Pedro Casaldáliga ganhou inúmeras ameaças de morte e escapou de diversas tentativas de homicídios. Falar de, ou melhor, dizendo, falar sobre **Pedro Casaldáliga** não é uma tarefa muito fácil. No sentido de que é uma responsabilidade extremamente grande, mas ao mesmo tempo um privilégio poder contextualizar algo sobre esse magnífico bispo-poeta.

Incansavelmente Casaldáliga lutou para a fundação do **CIMI** e o **CPT**, a partir de então continua trabalhando, ou seja, colocando em prática as atividades pastorais junto ao seu povo. Além desse trabalho pastoral o bispo – poeta tem publicado obras literárias, no Brasil: **Uma Igreja da Amazônia em Conflito com o Latifúndio e a Marginalização** – carta pastoral (1971), **Creio na Justiça e na Esperança** – Diário (1978) **Antologia Retirante** (1979) **Cantigas Menores** – poemas (1979), **Missa de Terra Sem Males** - Pedro TIERRA (1980), **A Cuia de Gedeão** – poemas e autos sacramentais sertanejos(1982), **Nosso Catecismo** (1983), **Com Deus no Meio do Povo** 1985) **Nicarágua: Combate e Profecia** (1986) **Na Procura do Reino** (1988), **Águas do Tempo** (1989) e **Versos Adversos: Antologia** (2002)...

Fora do Brasil: **Clamor Elemental** – poemas (1971), Tierra *nuestra, libertad*, (1974) **Pere Llibertat** (1978),), **En Rebelde Fidelidad** (1983), **Cantares de La E Entera Libertad** (1984), **El Timpo y La Espera** (1987), **Encara avui Respiro Catalã** (1987), **Encara avui Respiro Catalã** (1987) **El Vuelo Del Quetzal**, (1988), **Cartes des del Brasil** (1989), **Al accho del Reino: Antologia de TEXTOS** (1968-1988).... Dentre essas, o poeta tem publicados – Discos, fitas, filmes e vídeos. Ainda constituindo sua marcha contém os de fundamental importância que são os trabalhos sociais. São extraordinários tanto para sua vida, como também para á sua comunidade.

Casaldaliga é um bispo de fé e coragem, pelo fato que, ao falar sobre o caso, ou melhor, dizendo, da “matança” em Luciara de um pai e de seus dois filhos de apenas 6 e 11 anos de idade em Luciara, que em seguida ocasionou a tortura de duas mulheres e imediatamente a morte do padre João Bosco. Ele diz que sempre que morre alguém as pessoas perguntam: foi de “morte morrida” ou de “morte matada”? E que sente em especialmente por estas mortes antes da hora, mas que a morte não o assusta por que

[...] sempre fui familiarizado com a morte, desde pequeno. Primeiro porque a morte é uma grande realidade da vida, é o ultimo grande momento da vida,; a demais, a morte chega para todo mundo, e , á luz da morte, penso que se vê a vida de maneira diferente. Porque se você tem uma resposta para a morte, você tem um sentido para a vida. (CASALDÁLIGA apud FERREIRA, 2000, p. 101).

Familiaridade essa com a morte advinda de suas experiências vividas no Brasil. Consequentemente, nos anos iniciais teve uma vida problemática na região, Casaldaliga

(2002), “a violência natural desta terra selvagem, as ameaças dos latifúndios, e a repressão do governo militar o acompanharam constantemente”. Sendo, a partir da segunda metade dos anos 70 e pelo fato de Casaldaliga ter criado o CIMI, CPT, assim denunciando e conscientizando, transforma-se então numa personalidade (Ferreira, 2002, p 101) “extremamente incômoda para a ditadura militar”. Quando damos ênfase ao CIMI, CPT é porque foram esses os movimentos de maior repercussão na época causando grande revolução no Estado. Deste modo o governo já vinha tentando expulsá-lo do país em muitos momentos. Logo foi aberto cinco processo de expulsão contra ele, os quais foram vedados pela intervenção direta do papa João Paulo VI impedindo sua concretizado.

As ameaças são constantes e diretas. Vindo assim, a público. Um grupo de latifúndio assumiu sua identidade publicamente (imprensa) com cara e coragem (Ferreira, 2002, p 101-102) “desejando e pedindo a morte de Casaldaliga”. Não só o Estado, mas também as sociedades elitistas sentiam incomodadas com a presença do bispo por causa de seus dizeres e fazeres. Ou seja, um discurso de denúncia das irregularidades, e suas práticas de trabalho com os movimentos pastorais e sindicais. A partir de 1976 o regime da ditadura passa ser mais intransigente/aferrado, cumprindo então as ameaças. No dia 15 de julho ocorreu o ataque por um grupo de fazendeiros armados á (Ferreira, 2002, p.102) “Merúri, uma aldeia dos bororos na vizinha prelazia Guiratinga, onde foi morto o índio Simão Cristino e o missionário Rodolfo Lunkenbein, um salesiano de 37 anos, amigo de Casaldáliga”. Mataram o índio e o missionário para intimidar a aldeia na conquista pela terra demarcada pela FUNAI. Os fazendeiros atuaram com total apoio de o governo militar.

Identificamos ai um conflito de terra, onde os latifúndios agem impiosadamente. Além disso, Casaldáliga afirma ainda que após a “matança de Merúri”, o clima naquela região era tenso, pois, pairava ali a impunidade. Logo após, aconteceu o caso do assassinato do padre João Bosco que, em defesa das mulheres presas e torturadas, gritavam de dor. Com marcas de murros nos rostos, as senhoras Margarida e Santana encontravam ajoelhadas, seus braços travados e com as unhas das mãos fincadas de agulhas. Sendo que estava ali á mais de um dia sem pão e sem água. Casaldáliga e João Bosco ao interceder pelas mulheres foram ameaçados e insultados pelos militares.

No momento em que João Bosco proferia seu pensamento em denunciá-los aos chefes em Cuiabá como culpados pela barbaridade cometida á mulheres. O soldado Ezy Ramalho já autor de três crimes, fulminantemente acertou-lhe um soco, feriu-o com uma pistola e com um

revólver muito próximo da cabeça do padre, disparou-lhe um tiro, o qual posteriormente João Bosco não resistiu. Diante deste fato (Ferreira, 2000) indica um relato

[...] “sem um ai”, escreve Casaldáliga em seu diário, “o mártir, sim, o mártir, caiu por terra: pensei que estava morto. O ar se congelou, e também a noite. Inclinei-me sobre o ferido, chamei-o e ele me respondeu. O cabo Juraci comentou, talvez aliviado, talvez irresponsavelmente: Foi um tiro só para assustar...” (CASALDÁLIGA apud FERREIRA, 2000, p. 105).

Encontra-se, neste sentido, o seguimento brutal das ameaças, no ato da escrita de Casaldáliga ao descrever a seguinte fala do cabo “Foi um tiro só para assustar...”. Está explicitamente a ironia, a frieza e a perversidade do cabo, pois ele próprio havia presenciado o episódio do tiro na testa do padre João Bosco. Identificamos também o engajamento, a resistência e a fé de Casaldáliga, quando diz “Inclinei-me sobre o ferido, chamei-o e ele me respondeu”. Como sempre, com **Fé** inabalável, sem medir esforços lutou incansavelmente ao socorro e à recuperação do padre amigo. Senso assim, todo o percurso do socorro foram momentos árduos e de angústia. Noite de agonia e muita espera ao longo trajeto desde a delegacia de São Félix até o hospital em Goiânia local onde João Bosco faleceu logo após a sua chegada.

Diante desse fato constatamos a concretização das ameaças feitas pelo redime militar da ditadura, ligado a morte de João Bosco encontra-se outro fato, segundo (Ferreira, 2002), no momento em que o avião decolou adverte Casaldáliga

[...] o piloto-me olhou de um modo esquisito e me perguntou: “O senhor é o bispo de São Félix, não é?”. Eu lhe respondi que sim, mas ele insistiu; “É o senhor mesmo?” Tornei a responder afirmamente e, ele me explicou sua estranheza. Fazia poucos dias, naquele mesmo avião, ele tinha levado umas pessoas que lhe havia contado que me procuravam para matar-me. (CASALDÁLIGA apud FERREIRA, 2000, p. 106).

Na percepção de Ferreira (2000), Casaldáliga até se alegra ao relembrar esse episódio, mas ao mesmo tempo seu semblante entristece ao rememorar o acontecido, o qual todo empenho não foi o bastante para salvar João Bosco. Segundo Ferreira (2000, p.6) Casaldáliga afirma, “temos de aprender a morrer a vida para aprender a viver a morte”. Diante do exposto

identificamos cada vez mais a presença da perseguição e da impunidade, pois o governo militar ficou furioso com a destruição da igreja. Aponto de, o presidente comunicar as autoridades eclesiásticas. Que se, constatado a integração/influência do bispo no episódio desmoronamento da delegacia. Casaldáliga seria sem impedimento algum definitivamente expulso. Consequentemente, o soldado Ezi Ramalho, que assassinou João Bosco, após três meses de prisão já se encontra a solta.

Outro fato importante destacado por Ferreira (2000) consiste em uma diferente **tentativa** de expulsão sofrida por Casaldáliga. Sendo esta em decorrência da denúncia do arcebispo Sigaud. O autor adverte ainda, para a declaração feita na ocasião por Casaldáliga ao jornal **O Estado de S. Paulo**. Quando Ferreira (2000, p.112) destaca que, Casaldáliga diz: “Somente morto eu sairei.” Com base no texto **A Pátria Grande** Ferreira (2000) entendemos a não importância para o bispo se tal fato sobreviesse. Segundo o autor, para Casaldáliga.

[...] ninguém mata o evangelho, ninguém mata um povo... – Sobre as acusações que o responsabilizavam pelas mortes de João Bosco e Rodolfo, acrescentava contundentemente: - Cristo foi o responsável pela morte de todos os mártires e eu, particularmente, estaria contendo de ter um final como o dos dois padres. Penso que morreria pela causa que defendi. (CASALDÁLIGA apud FERREIRA, 2000, p.112)

Pelo o título do texto antes citado, **A Pátria Grande**, podemos constatar o amor, o engajamento, a resistência e a Fé de Casaldáliga por essa terra brasileira, intitulada por ele: América Latina, Amazônia, Pátria Grande, ou seja, particularmente pela: prelazia de S. Félix do Araguaia, Araguaia, Vale dos Esquecidos Mato Grosso e pelo seu povo. Sendo, em nossa concepção esse imbricamento de amor x Fé, engajamento x resistência que levaram Casaldáliga a escrever um vasto documentário emitido á imprensa e até aos dirigentes eclesiais (Papa) contradizendo as acusações Sigaudiana. Ferreira (2000) ao descrever sobre essa ação evidencia que foi “como pessoa, como cristão e até como bispo” que Casaldáliga registrava:

[...] tenho a obrigação de conhecer o marxismo, para poder criticá-lo e, até mesmo, embebê-lo de humanismo [...] alguns estranham que um bispo como eu escreva versos, infelizmente, ninguém acha estranho que um bispo ligado mais de perto aos grandes, aos influentes, e ministros, possa tomar uísque, com eles. Todos os profetas

foram poetas, e se fôssemos eliminar versículos subversivos da Bíblia, suprimiríamos uma boa parte dela. (CASALDÁLIGA apud FERREIRA, 2000, p.112).

Nesse sentido compreendemos que Casaldáliga é realmente um bispo-poeta revolucionário, pois, em hipóteses alguma se cala diante dos fatos sociais, nem mesmo das acusações recebidas contra ele. Absolutamente e confiante em sua Fé, lutava contra tudo e contra todos que agissem maldosamente contra ele e seu povo. Chegava ao extremo, mas conseguia defenderem-se e novamente á luta. Dessa forma, percebemos que as ameaças jamais iam além, contra o bispo, é claro. Desse modo, depois de elucidada as acusações diante de Paulo VI. Para explicar, Ferreira (2000, p. 113) afirma que “Até Sigaud teve de atenuar alguma das críticas que havia feito e retificou o pedido de expulsão do país”.

Para revelar esse fortalecimento, ou melhor, dizendo, engajamento e resistência Ferreira (2000, p.113) enfatiza o seguinte discurso de Casaldáliga “[...] vivíamos enfrontados na luta. Dizíamos a nos mesmos: Estamos nesta? Então estamos nesta! Outro inimigo? Então vamos lá, que venha! O fogo nos vem de dentro da própria igreja? Então, aceitêmo-lo e respondamos!”. A partir dessa afirmação, identificamos seu engado e resistência. Uma vez que consciente assume voluntariamente esse comprometimento com as causas dos desfavorecidos: os indígenas, posseiros, peões de fazendas, entre outros.

Casaldáliga nem mesmo diante de tentativas de expulsão, nem de ameaças de morte abandona suas causas. Continua lutando, denunciando e conscientizando. Consequentemente, em 1964 foi implantado na Amazônia o regime ditadura militar o qual durou 20 anos. Tendo nos anos 70 seu período mais aferrado. Enfim, na década de 80 começa a transformação da Amazônia, especificamente, na prelazia de S. Félix do Araguaia, sendo as fundamentais modificações: a heterogeneidade social, a modernização e o fim do regime militar em 1985. Apesar dos últimos anos do regime militar não ter sido muito árduo igual dos anos 70 e ter chegado o fim. Mesmo assim, em nosso entendimento para Casaldáliga a paz ainda não reina.

Contudo, não se pode ter o pensamento ingênuo que os problemas e os conflitos acabaram, foram amenizados sim, mas finalizados. Diante disso, Ferreira (2000) confirma que as ameaças de morte á Casaldáliga prosseguem. No mês de maio, 1982 em Ribeirão Bonito ele resistir a mais uma tentativa de assassinato:

[...] quando foi atacado pelos dois filhos de um latifúndio que ele havia denunciado repetidas vezes no Alvorada, jornalzinho publicado pela igreja de São Félix. [...] a ameaça de expulsão continuava pairando sobre sua cabeça (FERREIRA, 2000, p.116)

Digamos **tentativas**. Por que sempre foram tentativas, nunca se concretizaram, pois em setembro de 2012 foi homenageado pela **PUC-Goiás**, discorreremos adiante. Para explicar tal resistência Moura (2000) lembra que foi na década de 70, exatamente no ano de 1971, momento em que todo o grupo da prelazia reuniram-se pela primeira vez para uma reunião na Igreja de São Félix do Araguaia. Segundo Moura (1986, p. 65) Jentel improvisou um escrito, o qual rasgando posteriormente. Casaldáliga rememora o escrito

[...] era um muito generoso, intuitivo e prático. Ariscava a vida e não tinha medo de nada, nem da natureza nem dos seres humanos. Embarcava naquelas voadeiras pelo o rio Araguaia, e você podia a encomendar a todos os santos e fazer seu testamento quando ia com ele. Uma vez, bateu a voadeira num tronco e ela foi parar no fundo do rio... A polícia do regime militar o tinha marcado e lhe colocou o apelido de “Padre da Metralhadora” porque pensava que ele até mesmo juntasse armas. (CASALDÁLIGA apud MOURA, 1986 p. 65).

Nesse sentido, em nossa concepção o autor evidencia as qualidades do bispo-poeta, um homem bom, aventureiro, porém de coragem. Sendo a **voadeira** o símbolo de liberdade. Liberdade essa que, rio á baixo, rio á cima como ele mesmo disse visita quase todas as comunidades que são próximas do rio Araguaia.

Não tendo essa marca o intimidado, pois Moura (1986, p.76) descreve um passeio ao Araguaia, onde em conversa Casaldáliga afirma:

[...] Minha vida é este Araguaia... É muito bonito e, ao mesmo tempo, é muito misterioso e livre Abre caminho. Cada ano, quando chegam as cheias, abre um leito diferente. Por isso digo que é muito revolucionário e também muito utópico. (CASALDÁLIGA apud MOURA, 1986, p.76)

Dessa forma, comparamos **Casaldáliga** com o **Araguaia** que ao exaltar as belezas e o livre percurso do Araguaia, chama-o de revolucionário, O bispo- poeta com sua voadeira, seu

engajamento e resistência. Percorrendo-o livremente em alta velocidade em luta às causa dos pobres, é assim, revolucionário. Identifica-se então, um deslumbrado amor à essa Pátria.

Diante disso, Moura (1986) alerta para uma questão que vem se submergindo até hoje, **as queimadas**. Conforme a percepção de Moura (1986) as queimadas, em pequenas proporções são praticadas por pequenos camponeses e alguns grupos indígenas. Sendo para o plantio de subsistência. Enquanto que, as que duram dias e dias queimando quilômetros e quilômetros repetidamente tem todos os anos são cometidas pelo Latifúndio. Latifúndio esse que, Casaldáliga persiste em dizer: “[...] o latifúndio é homicida, é florescida e também é suicida, porque, no fim das contas, tudo isto repercutirá em uma miséria ecológica para toda a Amazônia e todo o Brasil”. Deixamos aí uma reflexão para nossos leitores.

Seguimos nossas reflexões acerca do engajamento do bispo-poeta que, além de lutar e defender o povo oprimido do Araguaia prestou seu apoio ao povo Nicaraguense. Para compreendermos essa trajetória, apoiamos nos escritos de Dom Pedro Casaldáliga Nicarágua: Combate e Profecia – Drama e Poesia, Luta e Canto (posfácio à edição espanhol). Nicarágua: Combate e Profecia. Conforme a afirmação de Moura (1986) que diz

[...] Nicarágua: Combate e Profecia é um relatório de campanha [...] nestas páginas se revela a alma vulcânica e eterna de Dom Pedro. Sentiu o chamado do Espírito: urge reforçar os laços de solidariedade para com o pequeno Davi que enfrenta as ameaças do gigante Golias. (MOURA, 1986, p193)

Moura (1986, p. 193-194) lembra que “Dom Pedro esteve em Nicarágua em nome de 23 bispos brasileiros e de cerca de 200 outras instituições eclesiais e civis”. Segundo o autor o objetivo da marcha não era fazer política. Portanto, em Nicarágua Dom Pedro, Moura (1986, p. 194) “Evangelizou. Exerceu plenamente dois ministérios urgentes naquele país: o ministério da consolação e da fronteira”. Encontra-se aí um homem das letras engajado pelas causas sociais, mas também um homem de Deus que ultrapassa fronteiras serviço das comunidades desprovidas.

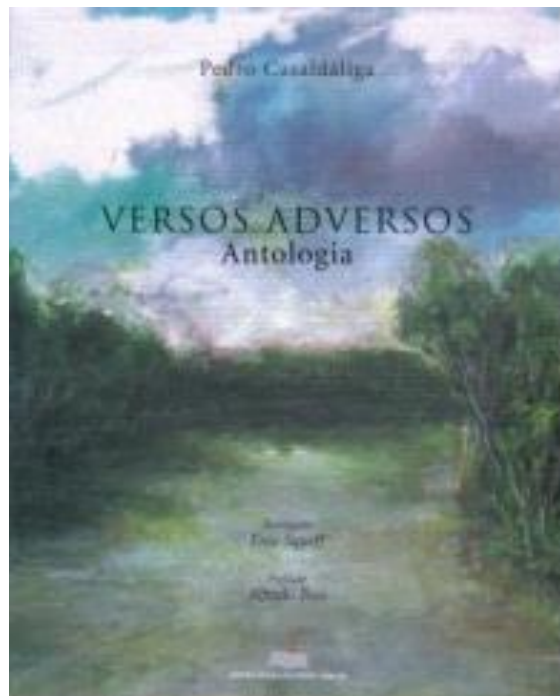
Ainda abordando sobre a visita em Nicarágua, Moura (1986, p.118) enfatiza alguns episódios dessa marcha, começando pela primeira ação praticada à súplica de D’Escoto “[...] celebrar um funeral multitudinário em memória dos mortos da guerra. [...] nos locais de

maiores conflitos [...] Durante dois meses, Casaldáliga percorreu um país em guerra e descobriu um povo e uma terra que se revelam tremendamente próximos”.

Outro episódio de extrema relevância é o engajamento em julho de 1985 nas duas últimas semanas da greve de fome do Ministro das Relações da Nicarágua, padre D`Escoto. Moura (2000, p. 119) descreve que, a “greve foi para chamar a atenção do mundo e denunciar o bloqueio econômico dos Estados Unidos contra o regime sandinista”. Conforme as afirmações de Moura (2000) a partir de [...] um mês sem comer, a saúde do sacerdote e ministro nicaraguense estava no limite, e os médicos que o atendiam aconselharam-no a encerrar a greve. Se tivesse continuado dois dias a mais, D`Escoto se encontraria numa situação irreversível. [...] Casaldáliga -, parece-me que eu seria muito mais útil para a causa comendo e percorrendo a Nicarágua do que ficar parado fazendo jejum.(CASALDÁLIGA apud MOURA, 2000,p. 119)

Para nosso entendimento o bispo desde que pisou em terras brasileiras, mas precisamente em terras mato-grossenses descobriu os conflitos latifundiários e a total omissão do Estado. Casaldáliga coloca em pratica sua palavra, por que sabe que palavra é ação. Seguidamente, voluntario e consciente o bispo compromete lutar e defender as causas de sua comunidade desprovida.

3. PEDRO CASALDÁLIGA E SEUS VERSOS ADVERSOS



Falar de, ou melhor, dizendo, falar sobre **Pedro Casaldáliga** não é uma tarefa muito fácil. No sentido de que é uma responsabilidade extremamente grande, mas ao mesmo tempo um privilégio poder contextualizar algo sobre esse magnífico bispo-poeta. Em uma entrevista feita pela UniverCidades – Informativo mensal da Universidade do Estado de Mato Grosso (Cáceres-MT, Setembro de 2003. Ano, 06. Nº 139) sobre o projeto parceladas, Pedro Casaldaliga diz que “é uma educação que Paulo Freire canonizaria”, prosseguindo a UniverCidades descreve:

Dom Pedro Casaldáliga ou somente Pedro como é chamado pela população [...]. Aos 75 anos é o referencial de uma igreja que assumiu o compromisso com o povo, um povo retirante que tem como marca resistência, pela posse da terra, pela sobrevivência e que também caracterizou a luta por ensino diferenciado, de acordo com a peculiaridade que a região exigia. (UNEMAT, Setembro de 2003).

Pedro, chamado assim pela população, pelo fato de que há mais de 30 anos vive naquela região e ele mesmo em uma entrevista a Revista "MUNDO e MISSÃO", alega que o maior e melhor título para ele é “Ser chamado de Pedro”. Encontrando então, familiarizado com esse povo. Quando perguntado sobre “Qual é a contribuição da prelazia de São Félix do Araguaia para a educação na região do Médio Araguaia?” **Casaldaliga** responde: “A prelazia surgiu numa época preocupada especialmente com a conscientização do povo”. O bispo afirma que desde o início compreendeu seu trabalho como “igreja libertadora” precisaria ser conscientizador, “uma palavra de ordem da época, conscientizar” (UNEMAT, 2003).

Entrevista **RDM - Pedro Casaldáliga**: um bispo á esquerda, pregador do evangelho e da reforma agrária. RDM relata:

Passos vacilantes e miúdos, mãos trêmulas que insistem denunciar o implacável mal de Parkinson. Aparelho auditivo sem o qual mergulha no mundo do silêncio. Lentes grossas nos óculos para enxergar. No cardápio nada de extravagante. [...] 77anos. [...] Lúcido mantém-se ativo, independentemente e seguindo o curso de suas ideias como o rio Araguaia seu irmão - segue rumo ao Tocantins e ao mar. [...] Não arreda pé de suas convicções pela reforma agrária e o fim do capitalismo. (15 de maio, 2005. RDM-11-12). Encontra-se aí um bispo engajado e revolucionário em favor/serviço as causas sociais.

Prosseguindo a entrevista **RDM** - “a fê tem alguma coisa a ver com sua militância no Araguaia?”. **Casaldáliga**- “Tem tudo a ver. Estou aqui por causa do evangelho, o que não significa necessidade de desprezo às Ciências Sociais, á organização social, á política. Deus quer que confiamos nele [...]”.

Em seguida **RDM** - “Qual foi o principal papel do contestador bispo do Araguaia?”
Em resposta **Casaldáliga**, afirmar:

Ajudei a denunciar - em primeiro lugar – e a criar consciência do povo, em segundo lugar. Consciência de seus direitos, de sua dignidade, sobre tudo os povos indígenas, os povos do sem-terra, os posseiros e os povos dos peões trabalhadores das grandes fazendas. [...] criar organizações que reivindicam que defende e estimula. [...] dentro da igreja (criei) a (Comissão Pastoral da Terra) **CPT** no ano de 1975, e antes, em 1972 o,(Conselho Indigenista Missionário) **CIMI**. . (15 de maio, 2005. RDM-11).

Logo após **RDM** – “como ficaria a reforma agrária nessa grande pátria?” **Casaldáliga**:

Vejo que é preciso reforçar a linha de reivindicação para a campesina para o mundo e concretamente para a América Latina por meio de uma alternativa agrária e agrícola. [...] Latifúndio e a marginalização social é a praga da hora, continua sendo a praga. [...] agora o latifúndio está travestido de agronegócio, mas continua sendo latifúndio continua sendo depredação continua sendo monocultura continua sendo veneno no campo, nas águas, nas pessoas e continua sendo exportação. . (15 de maio, 2005. RDM-11-12). Exportação... Exportação e Miséria para as famílias e para o Brasil.

A esse respeito compreendemos que a Amazônia está em “desenvolvimento”, ou melhor, dizendo, a nosso ver na percepção de Casaldáliga em “destruição”. No sentido de que, há extermínio da mata, há desapropriação de terra, há conflitos. Transformando assim, a Amazônia em processo de modernização, ou seja, de capitalização.

Quando perguntado **RDM** - “os povos indígenas estão em paz no Araguaia?” **Casaldáliga** é categórico ao afirmar:

“Não“. Existem conflitos. [...] índios tapirapés não tem tranquilidade na terra conquistada e homologada. [...] índios karajás estão com muita frequência temendo que chegue um dia que apareça a famosa hidrovia, que é uma das ameaças na região. [...] índios xavantes de Marãiwatsede estão esperando que se resolva o problema, estão encostado na sua terra que é homologada dentro dos municípios de Alto Boa Vista, e São Félix, e tem os ocupantes dela , e a justiça lerda, lerdíssima tá ai ou não?. (15 de maio, 2005. RDM-12).

As afirmações de Casaldáliga evidenciam ainda mais a questão da destruição da Amazônia uma vez “modernizada”, uma vez população “desassossegada”, ou seja, negros, peões, posseiros mulheres, crianças e indígenas passa a ser controlados e dominados por uma ideologia dominante (Estado/elite). Encontrando-se ai umas desculturação, outro fato importante **RDM**- “como se explica o assassinato do padre João Bosco Penido Burnier?” Casaldáliga o descreve:

[...] momento de violência. Momento de violência total. Momento de martírio também. Momento de desamparo para o próprio povo. Momento de reivindicação para outro mundo, de outro Brasil, outro Mato Grosso. [...] Mato Grosso pode se o maior produtor de soja, o maior produtor de algodão, mas não é o maior produtor de

vida para o povo, não é o maior produtor de dignidade para o povo, não é o maior produtor de esperança para o povo. (15 de maio, 2005. RDM-12).

Casaldáliga afirma ainda que “o padre João deu a vida, para que, como diria Jesus, houve vida e vida em abundância”. **RDM** prossegue “Qual o futuro da Teologia da libertação?. **Casaldáliga** afirma que “O futuro da Teologia da Libertação é o futuro de Deus, o futuro dos pobres, o futuro daqueles e daquelas que queiram viver o Evangelho de Jesus e sentir compaixão e solidariedade com respeito aos pobres”. Por último **RDM**- “Agora aposentado qual será sua relação com os problemas do Araguaia”. Casaldáliga profere o seguinte discurso:

Eu os continuarei sentindo , continuarei escrevendo, continuarei dando algumas entrevistas como estou dando para você, continuarei rezando e rezando um pouco mais, continuarei sofrendo também quando acontece o que não deveria acontecer, mas continuarei a esperando. (15 de maio, 2005. RDM-14).

Para finalizar Casaldáliga conclui dizendo [...] “O líder, líder, líder é o próprio Deus da vida, o Deus da libertação: e o segundo líder é o próprio povo, consciente, conscientizado e esperançado”. Isto quer dizer que o bispo mesmo aposentado não retornara á Espanha sua terra de origem permanecendo então no Araguaia em defesa dos desvalidos.

Dom Pedro Casaldáliga não é apenas bispo – poeta, mas também um célebre em reconhecimento do seu trabalho social. Como já dissemos falar sobre Casaldáliga é um trabalho bastante difícil, mas também gratificante e ao mesmo tempo humanizador no sentido de que, só estudando e pesquisando conseguimos compreender a fé, o amor o engajamento e sua resistência em meio á um povo humilhado, massacrado e excluído por uma sociedade elitista.

Prefácio - A Esperança rebelde na poesia de Pedro Casaldáliga (Alfredo Bosi) crítico e professor de literatura teoriza que (Bosi, 2006, 11) “A linguagem do poeta Pedro Casaldáliga rima com a vida do militante cristão D. Pedro Casaldáliga”. Segundo Bosi sua poesia é

uma poesia de protesto que se insurge contra os males que o capitalismo selvagem - brasileiro e internacional - continua a infligir às terras, aos homens e às mulheres do

Araguaia. [...] uma poesia que entra em sintonia com o povo dessa vasta região do Mato Grosso: os índios banidos ou massacrados, os posseiros espoliados, os lavradores e pescadores expulsos; em suma, os peões forçados a trabalhar sob um regime de semi-escravidão. (BOSI apud CASALDÁLIGA, 2006, p.11)

Diante desse enunciado, compreendemos o engajamento/comprometimento do bispo-poeta que jura lutar e defender esse povo. Segundo Casaldáliga a causa esta acima de qualquer coisa até da própria vida. Sendo assim Bosi (2006) descreve que

A denúncia crua, sem véus de alegoria, dá o cerne a essa palavra forte que sai da boca de um lutador vindo da insubmissa Catalunha para o coração da América Latina, à qual dedicou a maior parte de sua vida, como bispo de São Félix. Dessa opção sem retorno provém a autenticidade sem preguiça de sua linguagem e o alto grau de sua lucidez política, que amadureceu em meio a conflitos de extrema violência provocados pelos mandantes locais e tolerados por autoridades passivas, quando não coniventes. (CASALDÁLIGA apud BOSI 2006, p. 11).

Diante do enunciado percebemos o absoluto comprometimento do bispo-poeta. Pois, como já explicitamos em nosso trabalho o próprio Casaldáliga afirma que, logo após ser episcopado a primeira coisa que fez foi denunciar. Em nosso entendimento essas denúncias nunca eram às escondidas, mas sim promulgadas: em documentos enviados ao Papa, em jornais, em entrevistas dentre outras. Pior ainda, Casaldáliga é categórico dava nome aos bois, ou seja, colocava sempre o nome dos culpados.

A partir de então, Bosi (2006) descreve a constituição de um trabalho do bispo-poeta trata-se da obra **Versos Diversos: Antologia**. Sendo ela o objeto de nossa pesquisa. Bosi descreve que

[...] Versos adversos foram se construindo ao longo desses anos de combate aquecidos pela fé no Deus-Homem e pela esperança na regeneração de uma Terra onde se aliariam finalmente imanência e transcendência. Uma Terra que pudesse realizar o sonho multimilenar e renitente de um reino de justiça e paz, "aquela Paz do Reino, que vem vindo, inviável e certo". (CASALDÁLIGA apud BOSI, 2006, p. 11-12).

A obra é uma coletânea com 72 poemas que traz no próprio título todo um contexto social. No sentido que **Versos** significam palavra/avesso e **Adversos** Antagônico/contrários. Com base na citação dizemos que é constituída seguida de fatos e tempos. Dessa forma Bosi (2006) afirma que

[...] Percorrer Versos adversos é descobrir ora a dimensão da áspera denúncia em lances de protesto ou de sátira; ora a expressão do fervor religioso a que não faltam ressonâncias cósmicas; ora, enfim, o encontro de ambas as vertentes que fluem para um horizonte remoto, transcendente e ao mesmo tempo bem próximo, pois fez morada no coração dos viventes e da paisagem Araguaia. (CASALDÁLIGA apud BOSI, 2006, p. -12).

A poesia de Dom Pedro Casaldáliga insere-se um contexto conflituoso onde acontecem situações de extrema violência, ou seja, conflitos de terra, ditadura militar (tortura) etc., no domínio da resistência e no comprometimento da arte poética com ideais de justiça e igualdade de direitos. No interior do país, lugar distante e inacessível onde finaliza o caminho e morrem as comunicações: São Félix do Araguaia, Mato Grosso. Lugar este onde o catalão vive, luta, e protesta em defesa da comunidade ribeirinha, foi perseguido por políticos, sofreu críticas de membros da igreja católica, resistiu a ameaças, escapou a emboscada, esteve preso e sobreviveu a malária por diversas vezes.

Casaldáliga é um bispo-poeta engajado e comprometido, por amor a essa Pátria e a esse povo. Ele engajou, enfrentou e resistiu a tudo e a todos. Suas poesias são comprovações de toda essa resistência, amor e fé. Identificamos esse amor na poesia **Nossas Vidas São Os Rios** quando o eu poético constrói o próprio título.

“NOSSAS VIDAS SÃO OS RIOS...”

*Assim era, assim vivíamos
o Araguaia
nas décadas de 1960, de 1970...*

Nossas vidas são os rios.
Minha vida é este Araguaia!

Indescritível,
indecifrável.
Que se ama e se agradece, e se teme e se deseja;
ao qual se volta sempre,
como a um luar fatídico e feliz.

Exuberante e cruel,
maravilhosa,
a multiforme fauna,
presente ainda, condenada ao extermínio?
Os jacarés espichados, que atenazam o sol.
As placas insidiosas das arraias.
As piranhas que serram carne viva.
E os peixes elétricos,
estalando a morte.
E os peixes de todos os tamanho e luzes,
vorazes ou pacíficos,
miúdos,
brincalhões,
voadores.

Os peixes que dão vida,
holocausto á brasa e á pimenta.
Os pássaros vestidos a rigor,
senhores,
diplomatas.
Essa fileira de patos colegiais,
que espera um ônibus ali na margem...
E, de súbito, o pulsar,
frágil de uma canoa.

E as nuvens, acima,
cansadas e fecundas.
As famílias que chegam retirantes;
os enfermos que vão á deriva;
as cargas, e as cartas trêmula;
as mulheres batendo a trouxa indiscreta;
os homens na popa, os homens no remo;
e os meninos banhando-se,
somando-se ás águas, como peixes.
E eu, pela manhã, lavando-me do sono.
com o espelho incandescente ao sol da outra margem;
eu, pela tarde, entrando,
reverente, estrangeiro,
vestido pela luz poente e pura,
na liturgia destas grandes águas...

No título, “Nossas Vidas São Os Rios...” - **rio** é a fluidez das águas, sendo nas margens dessas águas que os retirantes se desembarcavam e se instalavam em busca de terras como meio de sobrevivência, apropriavam também os latifundiários e as grandes empresas que implantou o sistema capitalista como meio de modernização, o que na verdade era meio de destruição da Amazônia.

Na 1ª estrofe podemos visualizar a imagem da natureza, como era o Araguaia e a vida dessas comunidades, ou seja, os fatos e lembranças vivenciadas pelo sujeito individual e coletivo nas décadas de 60 e 70.

Na 2ª o eu poético descreve não só o amor e comprometimento com as causas religiosas e sociais, mas também a resistência ao descrever todo amor a essa terra. No 1º verso a presença da coletividade, no 2º a particularidade, pois na palavra **é** temos a imagem de uma resistência significando a eterna permanência. Porém os últimos 5 versos expõem o segredo do rio, o qual ninguém consegue desvendar, mesmo assim continua à sua volta.

A 4ª estrofe é constituída com elementos da natureza: **os rios, a fauna, os jacarés, as piranhas, os peixes elétricos e peixes de todos os tamanhos e tipos**. O eu poético descreve todo ambiente natural, uma Amazônia onde os nativos viviam em paz, expõe ainda o contexto histórico da época. **Os rios e a fauna** representa a paisagem verdejante enquanto que, **os jacarés, as piranhas, os peixes elétricos e peixes** com a esperteza e sempre em movimento têm a imagem do homem conscientizado, reagindo em busca de seus direitos, ou seja, lutando pelo o que de direito já é seu a terra, porque a terra é de todos.

Através da poesia o eu poético apresenta claramente a desigualdade social vivida pela sociedade da época. Neste contexto **pássaros e patos** é uma metáfora da posição do sujeito, porque os **pássaros** manifesta um símbolo de leveza, estado superior, mensageiro entre mundos. O seu voo representa a ligação dos planos terrestre, e ainda, as funções intelectuais. Enquanto que, **patos** ou **casal de patos**, simbolizam a união e a felicidade conjugal, sendo os que apenas exercem as funções junto à terra.

No 3º verso **pássaros** metaforiza o sujeito: os senhores, diplomatas, ou seja, os que estão no topo da cadeia do poder na região. Enquanto que, no 6º verso **patos** é uma metáfora dos indivíduos: posseiros, peões e indígenas, os que estão no fim da cadeia do poder na região.

Por fim a 5ª e última estrofe constrói a imagem da comunidade ribeirinha nas décadas de 60 e 70 em São Félix do Araguaia. O 3º e 4º versos mostram as famílias em busca de terra,

e a dificuldades encontradas no percurso até chegar a determinada localidade. No 6º verso, **as mulheres batendo a trouxa indiscreta** percebe-se uma ambiguidade, pois, as mulheres lavando as roupas no rio calmamente para não correm o risco de serem vistas, apanhadas e maltratadas, mas o principal sentido é que essas mulheres estão carregando suas bagagens/mudanças pelos difíceis caminhos. Assim como, o meio de transporte terrestre era precário, a maiorias das viagens era feitas de barco pelos rios.

Finalizando, os últimos 6 versos da estrofe é a comprovação do engajamento e da resistência do bispo-poeta que coloca a **causa** acima da própria vida, do amor pela Pátria e pelo povo, porque em nossas leituras por varias vezes encontramos escritos referente, no momento em que Casaldáliga afirma : **Minha vida é este Araguaia! - Queimei as pontes... e os navios. - Somente morto eu sairei. – Deus é grande, mas a mata é maior. Deus é grande, mas a mata é maior significa que não vou sair do território brasileiro, mesmo sob pena de expulsão da ditadura militar.**

Nesse sentido, compreendemos que a obra **Versos Adversos** (2006) de Pedro Casaldáliga é a materialidade da voz que anuncia a liberdade e invoca à luta. No entanto, Hilda Magalhães á expõe como denúncia e engajamento. Conforme Magalhães (2001, p. 281) “[...] denúncia, ele nos mostra situações que ilustram o esquema de dominação no Estado, as faltas cometidas pelo poder econômico e político, esmagando os menos favorecidos [...] engajamento, seus textos trazem as mensagens de luta e de resistência”. Resistência essa comprovada pela sua permanência no em São Félix do Araguaia, Araguaia ou Vale dos Esquecidos, até nos dias atuais.

O bispo-poeta Pedro Casaldáliga é o principal teólogo defensor da Teologia da Libertação. Por tanto, **Versos Adversos** (2006) é um verdadeiro grito de guerra e denúncia social. Na percepção de Magalhães (2001, p.280-281) a obra fundamenta-se na religião e na política. De acordo com autora, Tristão de Ataíde afirma que seus poemas são “[...] aflorados do fundo de uma vida de total renúncia e sacrifício, em que a beleza nasce do amor e Verdade, são alimentados pela Fé em Deus na Liberdade”. Sendo assim, se configura como um instrumento humanizador.

Magalhães adverte ainda que, no contexto dessa poética encontra-se implantada uma política agrícola que defende os empresários e ignora a população local, instituindo na Amazônia métodos e costumes como nomadismo rural indígenas e de colonos..

O bispo-poeta compreende seu trabalho como evangelizador, como o próprio título de uma de suas obras diz **Creio na Justiça e na Esperança** – Diário (1978). Dessa forma, o eu poético com fé esperança clama por justiça e paz, e é nesse clamor que constrói a poesia que veremos a seguir;

DÁ- NOS A TUA PÁZ!

Dá- nos, Senhor, aquela Paz estranha.
que brota em plena luta
como um flor de fogo;
que rompe em plena noite
como um canto escondido;
que chega em plena morte
como o beijo esperado.

Dá- nos a Paz dos que caminha sempre,
nus de toda vantagem,

vestido pelo vento da esperança.

Aquela Paz dos pobres,
vencedores do medo.
Aquela Paz dos livres,
amarrados á vida.

A Paz que se partilha na igualdade,
Como a água e a Hóstia.

Aquela Paz do Reino, que vem vindo,
Inviável e certo.

Dá- nos a Paz, a outra Paz, a Tua,
Tu que és nossa Paz!

Com a implantação do sistema capitalista e o regime da ditadura no Amazônia surgem os conflitos de terras, sendo neste contexto de guerra e em meio as floresta nativas e seres humanos intocáveis pelo civilização que nasce a poesia de Pedro Casaldáliga, Portanto, para Hilda Magalhães (2001) é uma poesia de combate contra a o silêncio e a dominação, constituindo ainda em testemunho de fé e resistência.

A partir de então, o eu poético descreve com letras maiúsculos as palavras **Senhor, Paz, Hóstia, e Reino**, revelando assim, a característica dessa Paz. Logo, no 1º versos

identificamos o clamor por essa Paz. Sendo essa Paz na percepção de Hilda Magalhães (2011, P. 280) “[...] a paz divina, a paz da igualdade, a paz dos menos favorecidos. [...] uma paz estranha, porque ela vem da luta e não da prece”. Encontre-se a desigualdade social.

No 2º verso temos não uma luta, nem uma guerra, porque lutar ou guerrilhar tem que ser de igual para igual, e não uma imposição, uma mortificação onde os poderosos, ou seja, Estado e sociedade elitista os quais escraviza os menos favorecidos. Já no 3º verso visualizamos a imagem da flor em chama, no qual consideramos a mais forte do texto constituindo ainda uma metáfora utilizada para indicar a paz. Sendo que às vezes a flor é considerada uma a imagem peculiar.

Dessa forma, Magalhães (2001, p. 282) afirma que a flor é “[...] órgão de reprodução das plantas, ela é ancestral, porque reproduz a vida, o milagre da criação. [...] o ciclo da vida, os quatros pontos cardeais, [...] a cruz. [...] a estrela de Davi [...]”.

Destacamos que, essa flor em chamas é uma imagem que sintetiza a articulação máxima em meio a toda a natureza e os três elementos essenciais, **o fogo, a terra e o ar**. Hilda Magalhães (2001, p. 282) alerta que “esta flor faiscante irradia calor e luz, sem, entretanto queimar, posto que ela é, desejada, ela é, pois fonte de brilho, fonte de vida”.

Na 2º estrofe os três versos confirma o engajamento e a resistência do bispo-poeta que protesta pela paz. Confirma ainda a imagem de um povo retirante que vem a procura de terra e com absurdo são expulsos pelo o poder (estado). Digamos com absurdo sim, porque conforme Magalhães Dutra (2002) a literatura define esse absurdo como “[...] situação de extrema violência, em que os homens, sedentos de dinheiro e poder, exploram, até a reificação, seus semelhantes”. (FERNANDES apud MAGALHÃES, 2002, p. 19) Ponderamos que eles estão totalmente desprotegidos de seus direitos, porém resguardado/abrigado pela brisa da esperança.

A 3ª estrofe significa um pedido de paz do eu poético para os pobres, os indígenas, os posseiros e peões de fazenda que são livres, porém acercados e forçados ao trabalho escravo, transformados então em homens aprisionados.

Seguindo a 4ª estrofe confirma que essa paz que todos necessitam a Paz Divina, a Paz interior, a Paz que vem de Deus, ou seja, o fim da luta entre os homens. Logo, na 5ª estrofe temos confirmação da esperança, no sentido de que, todos tem fé e esperança que a paz um dia reinará.

Constatamos que a 6ª e última estrofe o comprometimento do bispo-poeta com sem defesa de seu povo, identificamos também a religiosidade em suas poesias, a confiança em Deus, quando o eu poético no último verso afirma que Deus é a nossa paz.

Antônio Candido, em **A literatura e a formação do homem** (1972) teoriza que a literatura é

uma transposição do real para o ilusório por meio de uma estilização formal da linguagem, que propõe um tipo arbitrário de ordem para as coisas, os seres, os sentimentos. Nela se combinam um elemento de vinculação à realidade natural ou social, e um elemento de manipulação técnica, indispensável à sua configuração, e implicando em uma atitude de gratuidade. (CANDIDO, 1972 p.53)

Com base na citação articulemos que a poética de Pedro Casaldáliga é constituída e articulada em ambos os sentidos, atribuída ao trabalho do bispo-poetas que também é coletivo, uma vez que **denúncia-conscientiza**, a poesia luta contra o **silêncio-dominação**, é testemunho de **luta -resistência**, se fundamenta na **política- religião é denúncia- grito de guerra**. Por conseguinte, suas poesias transcreve a realidade de um contexto social marcado pela violência e sofrimento. Por isso, seus poemas exprimem sentidos extremamente afirmativo e adversos, como nas palavras: Paz-paz temos a Paz Divina e a paz entre os homens, em Lei-lei temos a Lei de Deus e a lei dos homens que garante e defende os direitos humanos. Para Antônio Candido

Pensar em direitos humanos tem um pressuposto: reconhecer que aquilo que consideramos indispensável para nós é também indispensável para o próximo. [...]. É necessário um grande esforço de educação e autoeducação a fim de reconhecermos sinceramente este postulado. Na verdade, a tendência mais funda é achar que os nossos direitos são mais urgentes que os do próximo. (CANDIDO, 1972 p. 110)

Como se observa acima o direito é estabelecido pelo próprio Estado, enquanto que, para a poética de Casaldáliga a noção desse direito está ligado a terra, ou seja, um direito natural, um direito Divino. Hilda Magalhães (2001, p. 290) adverte que “A negação desse direito aos que o têm por destinação natural motiva a desigualdade e o sofrimento”. Que em

nossa percepção é causado pelo latifúndio que explora o direito á terra como nos mostra o poema Cemitério do Sertão, direito explorado sim, mas não esquecido, porque o eu poético clama por esse direito, indispensável à vida e apropriado de restituir a integração em meio a o homem e a terra.

CEMITÉRIO DE SERTÃO

Para descansar
eu quero só
esta cruz de pau
como chuva e sol,
estes sete palmos
e a Ressurreição!

Mas para viver
eu já quero ter
a parte que me cabe
no latifúndio seu:
Que a terra não é sua,
seu doutor Ninguém!
A terra é de todos
Porque é de Deus!

Para descansar...

Mas para viver,
terra eu que ter.
Com INCRA ou sem INCRA,
Com lei ou sem lei.
Que outra Lei mais alta
Já a Terra nos deu
a todos os pobres
sem voz e sem vez:
que os filhos da gente
são gentes também!

Para descansar...

Mas para viver,
terra exijo ter.
Dinheiro e arame
Não nos vão deter.
Mil facões zangados

cortam pra valer.
Dois mil braços juntos
Cercam terras e céu.

Para descansar...

Mas para viver,
terra e liberdade
eu preciso ter.
E não peço esmola
Nem compro o que é meu.
A Sudam e o diabo,
Podem se vender:
gente não se vende,
nem se compra Deus!

O título **Cemitério do Sertão** indica justamente o imagem de São Felix do Araguaia, ou melhor, dizendo, os conflituosos onde o estado e a sociedade elitista implantação sistemas para se beneficiar, mesmo que esses benefícios fossem a custa dos direitos dos outros e é dobre esse direito sonogado que agora o eu poético protesta, um direito pelo qual lutou sempre. Na 1ª estrofe que é o refrão do poema, requer para descansar, apenas o que é meu por direito os sete palmos e Ressureição! Encontra-se a imagem da morte que articulada a imagem do descanso eterno: a cruz de pau, os sete palmos e a promessa da ressurreição. Assim como os cristãos tem a fé em Cristo ressuscitado, o homem tem a esperança e a confiança de perfilhar na humildade a passagem da fé revolucionária. Os sete palmos compõem a terra necessária para cobrir o homem póstumo, sua morte, no cemitério do sertão.

Porém a 2ª estrofe comprovação a exigência que o eu poético faz da parte que o pertence para viver, no latifúndio seu, mas nega também essa posse á terra ao descrever a palavra Ninguém com letra maiúscula, colocando ainda o ponto de exclamação, menospreza e faz um questionamento ao latifundiário, quem é você? **Ninguém!** a terra não é sua e sim, de todos e no ultimo verso justifica: **porque é de Deus !** E é nesse reivindicar que se insere um eu coletivo que procura contrastar à alienação atribuída pelo domínio latifundiário.

As imagens encontradas na 3ª estrofe é de resistência, de uma voz do eu revolucionário, disposto a lutar pelo que o que é seu **a terra**, mas que também é dos pobres, indígenas, posseiros e peões que sofrem com a longa distância dos grandes centros e com a falta de dinheiro e de transporte, não tendo nem voz e nem vez diante do Estado, ou seja, na luta desigual pela terra não tem condições de reivindicar seus direitos. Encontramos ainda a

diferença entre as leis: lei dos homens e a Lei de Deus na qual confia. Nos dois últimos versos uma alerta e a imagem da esperança, essas crianças do hoje serão homens no amanhã e tudo mudará.

Nesse viver e ter há uma trilogia: engajamento, comprometimento e resistência, nada e ninguém vão impedir que lutemos pela terra. A presença também da coletividade, sendo que, a união faz a força e os latifúndios são muitos, mas não tem união e nem a proteção divina. Enquanto que unidos somos o dobro e conseguiremos abraçar desde a terras até o céu.

Por fim, na 5ª estrofe e nos 1º, 2º e 3º verso a voz do eu poético que para viver, além de exigir terra exige liberdade é um ser conscientizado que luta por seus direitos, não aceitando mais a imposição nem a escravidão, almejando mesmo sua independência. Por isso, no 4º e 5º verso é categórico em não se humilhar e ao enfrentar o latifúndio dizendo que, a terra já é sua, e mais taxativo ainda ao assegura que o Estado e a sua cambada se vendem, mas gente de bem e Deus não tem dinheiro que pague.

Por fim, para completar nossa análise constatamos que o eu poético constrói a poesia **Confissão do latifúndio** para revelar o quanto a ocupação da Amazônia, ou Melhor, dizendo, o sistema capitalista destruiu essa Amazônia, ou seja, a natureza, é o eu poético apresentando claramente as características do latifúndio que na percepção de Casaldáliga é **homicida, florescida e suicida,**

CONFISSÃO DO LATIFÚNDIO

Por onde passei,
 Plantei
 a cerca farpada,
 plantei a queimada.
 Por onde passei,
 Plantei
 a morte matada.
 Por onde passei,
 Matei
 A tribo calada,
 A roça suada,
 A terra esperada...
 Por onde passei,
 Tendo tudo em lei, eu plantei o nada.

A partir do título que é uma confissão, em que o eu-poético descreve o percurso e as atitudes do latifúndio. A 1ª estrofe apresenta a imagem do Araguaia, mas precisamente de São Félix do Araguaia, local este onde os latifúndios instalavam com a expansão da agropecuária visando seu próprio lucro. Diante disso temos a confissão do seu trabalho, de tudo o que ele plantou. Vejam como a voz do eu poético narra perfeitamente as ações do latifúndio a expansão agroindustrial e a destruição da natureza.

Compreendemos que a 2ª estrofe é a que trás a imagem mais forte deste poema, pois, mostra exatamente à crueldade a frieza do latifúndio e podemos comparar com o título da poesia Cemitério do Sertão porque a morte matada significa não uma morte natural, mas sim uma morte matada, um homicídio. Por isso, o Cemitério do Sertão local onde eram sepultados os peões, os posseiros os indígenas entre outros assassinados pelo latifúndio.

Já na 3ª estrofe temos a imagem de uma verdadeira invasão das terras indígenas, uma desculturação. Perante disso, Ferreira (200, p.102) enfatiza “[...] 15 de julho um grupo de fazendeiros atacou Merúri, uma aldeia dos bororós. Na vizinha prelazia de Guiratinga e matou o índio Simão Cristiano e o missionário Rodolfo Lunkenbein [...]” Com forma de intimidar e expulsar os índios para conseguir de volta as terras demarcadas pela FUNAI. Uma verdadeira crueldade cometida pelo latifúndio.

Finalizando identificamos que a ultima estrofe evidência o privilégio e o direito garantido por lei que o estado oferecia ao latifúndio nas décadas de 60 e 70 no Araguaia, mas evidência ainda a o fracasso do latifúndio. Nesse sentido, Ferreira (200, p. 24) afirma que na região longínqua do interior do Brasil.

[...] os latifundiários faziam e desfaziam a bel-prazer, sem precisar dar explicações a ninguém, já que tampouco ninguém os cobrava. Aqui, quem tinha dinheiro comprava o silêncio, e os latifundiários, apoiado pela ditadura militar, tinha terra, dinheiro e pouca vontade de dar explicações sobre a origem de suas riquezas. (FERREIRE, 2000, p. 24)

A partir de então entendemos que naquela região não havia leis, ou seja, a lei era o dinheiro, quem tinha mandava, que não tinha obedecia, o que não era diferente de algumas outras regiões. Como por exemplo, aqui em Pontes e Lacerda não havia o sistema capitalista nem o regime da ditadura, mas ainda era comum na década de 70 existir conflitos de terras entre posseiros e pistoleiros á mando dos grandes fazendeiros. Sendo então uma batalha

sanguenta, ou seja, batalha não porque na maior das vezes os pistoleiros usava á tocaia para atacar os posseiros.

4. Considerações Finais

Parta finalizar nossa pesquisa após nossas leituras e análises podemos dizer que, Pedro Casaldáliga é um exemplo de homem iluminado por Deus, pois ele desde que, saiu de sua terra natal e entrou em terras brasileiras, mas exatamente em terras mato-grossense encontrou revolução, enfrentou fortes batalhas. Em São Félix do Araguaia Casaldáliga assistiu bem de perto conflitos de terras, assassinatos de posseiros e deparou com as injustiças cometidas pelo Estado e os latifundiários no interior do Brasil. Logo após episcopado, no ano de 1971, como bispo-poeta lutou/luta pelo ser humano e pela natureza. Casaldáliga é um bispo-poeta engajado, pois voluntariamente compromete-se por amor a **causa** lutar e defender seu povo, ou seja, os desvalidos.

Como reconhece que conscientizar é trabalho de evangelizador lançou a carta - **Uma Igreja da Amazônia em conflito com o latifúndio e a marginalização social**. Como denuncia e critica dos desmandos e de trabalho escravo entre outros, o que se tornou diferente foi porque agora era um bispo que falava. Sua poética não surge em bons tempos, mesmo assim, Casaldáliga com amor, fé e esperança engajou, enfrentou e resistiu a tudo e a todos em meio ao processo capitalista e ao regime militar imposto pelo Estado. Como já sabemos que toda literatura esta relacionado com a realidade, ou melhor, dizendo, é a transfiguração do real.

Sendo assim, ao engajar-se ia desvendando a realidade, despertando a consciência crítica, na medida em que os fatos iam acontecendo, denunciando e criticando diretamente, pois o único medo que tinha era o medo do medo. Por isso sofreu varias tentativa de expulsão do País ameaça de morte, foi preso. Porém, tudo isso não passou de tentativas e ameaças porque quando os processos de expulsão via á tona o Papa interferia diretamente impedindo a expulsão de Dom Pedro Casaldáliga.

Por fim, constatamos que Casaldáliga é um bispo-poeta que num momento de censura não só engajou, mas também realizou um trabalho intelectual e religioso com base na Teologia da Libertação. Suas poesias exprime a dura batalha assegurada no cotidiano da região que aceitou para viver. Constatamos ainda a resistência comprovada em sua fé e força frente a força estranha , mas também em seus escritos que nos são de grande valia e pela determinação de residir até hoje em São Félix do Araguaia ou Vale dos Esquecidos como é conhecia a região.

5. Referências

- ADORNO, Theodor W. “**Palestra sobre lírica e sociedade**”. In: Notas de Literatura I. São Paulo; Duas Cidades: Ed. 34, 2003.
- ABDALA JUNIOR, **Benjamin. Literatura, história e política**: literaturas de língua portuguesa no século XX. São Paulo: Ateliê, 2007.
- BOSI, Alfredo. **Literatura e Resistência**: São Paulo: Companhia das Letras, 2002.
_____, Alfredo. **O Ser e o Tempo da Poesia**. São Paulo. Companhia das Letras, 2000.
- CASALDALIGA, Pedro. **Versos Adversos: Antologia**. São Paulo: Editora *Fundação Perseu Abramos*, 2006, 128P.
- CARVALHO, Carlos Gomes. **A poesia em Mato Grosso**. Cuiabá: Verdepantanal, 2003.
- CANDIDO, Antônio. **Formação Da Literatura Brasileira**. V.I 7º ed. Editora Italiana Limitada- Rio de Janeiro 1993.
- DENIS, Benoit. **Literatura e engajamento**: de Pascal a Sartre. São Paulo: EDUSC, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **O Que É Literatura**. 17º ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.
- MAGALHAES, Hilda. **História da Literatura de Mato Grosso**: Século XX. Cuiabá: Unicem publicações, 2001.
- _____. **Literatura e poder em Mato Grosso**. Brasília: Ministério da Integração Nacional: Universidade Federal de Mato Grosso, 2002.
- MESQUITA, de. José Barnabé. **O Sentido da Literatura Mato-Grossense**. Revista das Academias de Letras. Ano-III-n.8 -Rio de Janeiro-1939.
- SANTOS, Edson Flávio. **Cercas malditas: utopia e rebeldia na obra de Dom Pedro Casaldáliga**. / Edson Flávio Santos – Tangará da Serra/MT: UNEMAT, 2011.
- SARTRE, Jean-Paul. **Que é a literatura?** São Paulo: Editora Ática, 1993.
- SOUZA, Tanha Mara de. **Sartre e a Literatura Engajada**: Espelho Crítico e Consciência Infeliz. Editora da Universidade de São Paulo, 2008.
- UNIVERCIDADES. **Informativo mensal da Universidade do Estado de Mato Grosso**. Cáceres-MT, 2003.